

## Prefácio

*As Coisas da Casa – Cultura Material, Migrações e Memórias Familiares* é um livro que resulta de uma etnografia realizada nos primeiros anos do século XXI, mas que recuou nos acontecimentos históricos e nas memórias de quem os viveu até à primeira metade do século. Trata-se de um arco temporal razoavelmente alargado e hoje já suficientemente distante para o podermos olhar como um passado que nos pode ajudar a perceber a diversidade do presente que nos envolve. Os percursos de vida de famílias que pertenceram aos extratos mais favorecidos da sociedade colonial portuguesa a viver em Moçambique e que hoje, depois da queda de um regime e da independência do território onde habitaram, se encontram integradas na classe média portuguesa – são estas as características que unem as pessoas que integraram o estudo que deu origem ao livro –, ajudam-nos a entender que as grandes transformações da história se vivem construindo os elos de ligação com o passado que sustentam as identidades das pessoas, das famílias e dos grupos.

A investigação inicial inseriu-se na área dos estudos de cultura material, um campo de trabalho que, a partir de um núcleo central de produção académica em língua inglesa – que nos anos 1980 havia dado origem a duas obras seminais (Miller 1987; Appadurai 1986) – começou a internacionalizar-se no início dos anos 2000, altura em que Rosales (que mais tarde viria a trabalhar com Miller) começou a fazer a sua investigação. No quadro restrito da antropologia portuguesa, Rosales integrou a primeira geração a realizar teses de doutoramento sobre as culturas materiais das classes médias urbanas portuguesas. A essa temática central juntou a das migrações (no caso concreto, dramáticas e forçadas) e o tratamento da questão da memória (visto que a deslocação obrigou a deixar para trás um território, as casas e uma parte dos objetos que as preenchiam). Como Rosales assinala, «a perda da casa, especialmente em contexto de migração forçada, equivale à perda de um património memorial e identitário

importante, uma vez que implica necessariamente a quebra da unidade de um contexto expressivo fundamental». Nesses contextos de perda, as coisas deslocadas assumem um papel relevante no interior dos processos de construção/reconstrução da memória: «as coisas retidas constituem um elo importante com o passado pois, de certo modo, contêm e representam o espaço doméstico perdido».

Para lá da importância que decorre da pertinência intelectual dos campos conceptuais em que o livro se insere, ele tem, a meu ver, uma importância etnográfica – ou factual – também significativa. Aquilo que consideramos ser a classe média portuguesa é já uma realidade social e culturalmente muito diversa, que é hoje necessário compreender como tal. Para o fazer é preciso que essa classe média seja olhada a partir de aproximações metodológicas focadas nas microrrealidades dos quotidianos. Este livro dá-nos acesso a uma parte dessa diversidade – «ser português, mas ser simultaneamente ‘diferente’, é a formulação encontrada para [...] sublinhar a existência de traços identitários [...] que decorrem da experiência de vida em África» –, contribuindo por isso com informação factual para uma reflexão mais alargada sobre as lógicas de recomposição da sociedade portuguesa nas últimas quatro décadas.

Por causa da sua riqueza etnográfica – as descrições relativas às casas, aos objetos que as integram e às práticas que nelas se desenvolvem são extensas e densas –, o livro permite-nos aceder à domesticidade de um grupo pouco estudado (o dos portugueses que após as independências dos territórios coloniais vieram viver para Portugal) e, conseqüentemente, desocultar um pouco as suas vidas. Ao ler o livro começamos por visualizar, lendo descrições que têm por base as memórias dos entrevistados, vidas que decorriam em grandes casas habitadas por senhores brancos e por serviçais negros, unidos numa complexa gestão de um quotidiano que não mais se repetiu. Depois percebemos o que terá sido, após a sua perda, a desorientação de quem se vê obrigado a viver em casas cujas dimensões não se compadecem com os movimentos, demasiado largos, incorporados por quem cresceu em espaços com outra escala. No fim, as descrições permitem-nos voltar a visualizar casas já com *habitus* estabilizados, preenchidas com objetos vindos de longe que permitem reativar, se bem que noutra escala, práticas indispensáveis à construção das identidades de famílias cujos percursos de vida cruzaram continentes (uma parte das famílias começou por partir de Goa para ir habitar Moçambique). O chá passou a beber-se na cozinha para poder montar as mesas de jogo na sala, mas a canastra continua a ser jogada e as pequenas sandes continuam a ser feitas em pão aparado, tudo *mais simples*, mas

*Prefácio*

com o mesmo *requinte* (aquele que os colonos portugueses foram buscar às sociabilidades do Império Britânico). Hoje tudo isso se passa aqui, na Europa, em Portugal, na Grande Lisboa. Faz parte do mundo diverso que nos rodeia. E que, exatamente porque é diverso, a antropologia deve estudar e dar a conhecer.

*Filomena Silvano*

*Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
e CRIA*